



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

**MARIA CRISTINA BIGNARDI MACHADO**

Hoje, em 03 de outubro de 2005, a Biblioteca Mário de Andrade dá continuidade ao seu Projeto Memória Oral, que busca reconstruir a história da Biblioteca sob diferentes ângulos, entrevistando a ex-funcionária Maria Cristina Bignardi, que trabalhou na instituição por cerca de trinta anos, tendo atuado em diferentes setores. Na captação de imagem, Washington Oliveira, na captação de som, Paulo Eduardo, e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Daisy Perelmutter:** Maria Cristina, eu gostaria de iniciar o documento com você nos falando um pouquinho sobre a atividade profissional de seus pais, a sua origem. Você é de São Paulo?

**Maria Cristina Bignardi:** Eu sou de São Paulo, capital, neta de portugueses e italianos também. E a minha mãe era professora, meu pai, industrial. Eu era filha única, eu não tenho mais os meus pais. Estudei na Caetano de Campos, que era a melhor de São Paulo e depois fui para o Colégio Rio Branco. Aí eu fui fazer o concurso de Biblioteconomia na Escola de Sociologia. A Biblioteca se tornou um marco na época do Sérgio Milliet, que foi em 1954, 1955, que foi um grande escritor e foi até pintor, enfim, que foi diretor da Biblioteca. Ele convidava os amigos para vir aqui. Ele ficava aqui no terraço do terceiro andar, naquela sala ao lado do terraço e convidava amigos e pedia para trazer livros – fosse jogar alguma coisa fora: “Vocês tragam os livros para cá e revistas...”. Então, esta Sala de Artes, que está aí em frente, tem muitas revistas, muitas coisas bonitas por causa disso. “Se você for jogar fora alguma coisa, porque não quer, traga para cá”. E, assim, foi se formando todo este acervo, que é maravilhoso, essas obras raras todas que nós temos. Então é um lugar que eu sempre me senti muito bem e me sinto ainda. Eu vinha aqui com

alegria. Não é uma coisa: “Ah, você vai lá porque você tem que ir”. Não, eu venho, eu conheço muita gente, que ainda está por aqui. Isso aqui é um lugar muito agradável para mim, apesar de estar aposentada. Eu acho que é aquele bichinho que fica na gente, assim... Não é traça, não, é aquele bichinho da leitura, enfim, de gostar do que a gente faz. Eu gosto, eu sempre gostei do que eu fiz.

**DP:** Eu queria que você voltasse um pouquinho em relação à sua escolha pela Biblioteconomia. O que te motivou, como é que você chegou aqui?

**MCB:** O que me motivou foi uma amiga minha, uma filha de uma amiga da minha mãe. Eu ia fazer Letras, porque eu sempre gostei de escrever, de ler, essas coisas. E aí eu cheguei a fazer o vestibular para a USP<sup>1</sup>. Não sei se eu passei, porque eu não fui ver o resultado. Eu entrei na Biblioteconomia porque essa amiga minha, chamada Ana Elisa, estava fazendo Biblioteconomia e eu me encontrei com ela e: “Muito bom, você fica no meio dos livros, das pessoas...”. E eu achei aquilo: “Pô, que legal!”, sabe? Achei melhor isso do que, depois, eu ficar dando aula, porque a minha sequência no estudo de língua seria dar aula.

Então, eu fui fazer para ver como é que era. Entrei no vestibular, passei – eu fiz na Fundação de Sociologia e Política. E aí, no primeiro ano, eu fui trabalhar nessa biblioteca de engenharia no lugar dessa moça. O mais interessante foi isso: ela saiu e eu fui trabalhar no lugar dela, porque o tio dela era amigo do meu tio. Enfim, eu fui fazer o estágio no primeiro ano para ver se era aquilo que eu queria. E eu vi e eu acho que foi porque eu continuei a trabalhar. Depois uma amiga: “Ah, vamos fazer outro curso, porque só biblioteconomia, não sei o quê...”. Aí eu fui fazer Direito, também não sabia por quê. Fiz, me formei, fiz o exame da Ordem, e agora eu estou advogando um pouquinho, para você ver como é que é. Dei uma volta e agora estou cumprindo o meio, quer dizer, não fico o dia inteiro, enfim. Mas eu ajudo, em algumas causas. Estou contente.

**DP:** Cristina, e em relação às suas experiências? Você trabalhou como bibliotecária em empresas privadas e no Tribunal?

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo

**MCB:** Isso, trabalhei em empresa privada e em uma instituição pública, que foi no judiciário, no Tribunal de Alçada e depois aqui. Quer dizer, na verdade eu trabalhei mais no serviço público. Só sete anos que eu trabalhei... Mas eu aprendi a trabalhar no serviço privado e aquela história de “Ah, funcionário público é sem-vergonha...”, não, não é; depende da pessoa, não é do funcionário. Tem uns que são, não é? Como em qualquer lugar você tem. Mas, olha, na época em que eu entrei aqui, entraram mais de setenta bibliotecários só nesta Biblioteca, no concurso de 1978, e todos trabalhavam, e muito. Então, era muito gratificante a gente ver todo mundo trabalhar. Agora, no momento, infelizmente estamos com poucos bibliotecários porque muitos se aposentaram. Mas, eu tive a felicidade de conhecer o novo diretor, o Dr. Luís Francisco – não aqui, mas como presidente da Associação dos Bibliotecários – e uma coisa que me deixou muito contente foi ele dizer que ele ia pedir um concurso para bibliotecário, porque ele estava sentindo a falta, porque só tinha uns vinte, alguma coisa assim.

E tem outra coisa: o atual secretário de cultura, o Dr. Calil, eu conheci. Na época em que eu entrei aqui ele trabalhava com o Dr. Sábado Magaldi, que foi um grande secretário, na década de 1970. Ele trabalhava e exigia muito. Ele era muito exigente, mas era uma pessoa que conhecia muito, muito conhecedora. Ele sabe, quando ele pede uma coisa é porque ele sabe.

**DP:** E naquele momento qual era o grande desafio? Você entrou, e como bibliotecária... Qual era a situação da bibliotecária?

**MCB:** Olha, a situação é que se estava há muito tempo sem concurso, há quase dez anos. Então faltavam bibliotecários para muito setor. Porque, por um decreto, tinha sido criado o Departamento de Bibliotecas Públicas, que não existia. Então faltava bibliotecário. Então, tinha chefias que não tinha chefe. Então, a gente teve a sorte – não sei se foi sorte – de ser chefe. Eu me tornei chefe depois de oito meses que eu entrei. Mas eu fui chefe porque não tinha outro para ser chefe. Aquelas pessoas que entraram foram sendo colocadas. E, então, havia a necessidade grande de um concurso e, aí, começou em 1978 e depois 1981, 1982, começou o negócio do computador, da automação, da informática, porque tudo, antigamente, era na máquina elétrica. Então, era ali datilografando mesmo. Aí começou a ir...

**DP:** Eu gostaria que você descrevesse todas as atividades que você teve aqui. Você foi chefe da seção aqui...

**MCB:** Bom, eu fui chefe aqui, trabalhei na seção de aquisição, porque a aquisição e registro era aqui, porque agora não é mais, mas era aqui. Trabalhei uns oito meses e, depois precisava de gente na Extensão Cultural, porque houve aqueles projetos todos que eu falei para você: Lazer ao Meio-dia, Quintas Musicais. Estavam começando e a seção e só tinha três pessoas, então era muito cansativo. Aí, um dia eu me encontrei com a diretora e ela me perguntou: “Você está contente nesta seção?”. Aí eu disse: “Olha, eu estou, mas ficar só comprando livro... eu sou muito elétrica!”.

**DP:** Essa era a sua função, a compra de livros?

**MCB:** Isso, a compra de livros, a aquisição de livros.

**DP:** E a catalogação era feita em outra seção?

**MCB:** Não, era feito tudo aqui. Eram todos os bibliotecários daqui. A maioria das coisas que ficam no arquivo era daqui. Eu não gostava de ficar só nisso, nessa coisa de ficar fazendo fichinha de compra. Bem, mas foi interessante por quê? Porque você tinha que fazer o levantamento das necessidades, de ver o que faltava em coleções, o que faltou, o que o pessoal estava me pedindo.

**DP:** Esse cruzamento era sempre feito um pouco em cima da solicitação?

**MCB:** Isso, um pouco em cima da solicitação do pessoal que frequenta a Biblioteca, dos usuários, e um pouco do que você precisa mesmo, para atualizar. Então, era interessante, mas eu fiquei pensando: “Nossa, eu vou ficar vinte anos fazendo isso?”. Aí eu estava conversando com ela e disse que queria mudar de setor. Então ela me disse: “Você não quer vir aqui numa Quinta Musical, hoje?” — era uma quinta feira. Então eu disse: “Por quê?” - “Porque eu estou precisando de gente na Extensão Cultural e vai ter que lidar com músico, com escritor, não sei o quê... Então você vai fazer isso, ver como é que o pessoal faz. Se você gostar, se você quiser,

você muda...”. Aí eu vim e gostei. Quer dizer, aquilo estava só começando, era só música erudita.

**DP:** O início foi nessa época, em 1977?

**MCB:** A música começou nessa época, em 1977, 1978, no comecinho do ano. Então, no dia seguinte, eu fui lá e disse: “Olha, gostei, quero ir para lá”. Aí, era uma sexta-feira o dia seguinte. Na segunda ela me mandou. Eu levei um susto: “Nossa, mas agora é que eu vou mudar!”. Então ficaram quatro funcionários, mas a coisa começou a crescer tanto, que a Extensão chegou a ter 14 funcionários. Para você ter uma idéia, em 1982, 1983, tinha 14, 15 funcionários, quase.

**DP:** E a Extensão sempre foi um fator de atração do público da Biblioteca?

**MCB:** Foi, porque era o que chamava. A gente distribuía panfletos em todos os lugares aqui por perto. Nós tínhamos um boletimzinho que nós fazíamos, que tinha até um jornalista que trabalhava na nossa seção, tinha desenhista, tinha jornalista. Então a gente fazia aqui e distribuía, e se chamava muito. Aí, quando começou a música popular, aí foi o que mais chamou a atenção. A Clementina de Jesus veio aqui, o Adoniran Barbosa. Enfim, houve uma época em que o pessoal que se apresentava no Teatro Musical – porque eles faziam na sede – vinha também aqui, eles aproveitavam o contrato. Então tinha muita gente importante aqui. Assim, Emilinha Borba... Eu nunca imaginei em ver a Emilinha Borba aqui, que veio aqui. Marlene, as duas vieram aqui, há pouco tempo, há uns dez anos atrás. Então, assim, era muito dinâmico e chamava muita gente.

E tinha o cinema – eu me esqueci de falar do cinema. Em 1981, 1982, a gente começou a passar cinema aos sábados. Eram filmes alugados pela EMBRAFILME<sup>2</sup> e a gente passava aqui. Nossa, era uma loucura, porque eram filmes nacionais, porque a gente não passava filmes internacionais. Por exemplo, *Macunaíma* passou umas 15 vezes – eu vi umas dez! Eu já sabia todos os diálogos. Então tinha uma palestra sobre *Macunaíma*, para você entender, porque *Macunaíma* é meio complicado - só o Mário de Andrade que sabia explicar, como ele não pode

---

<sup>2</sup> Empresa Brasileira de Filmes S/A

explicar, a gente tinha de deduzir. E aquilo tudo lotado, com quatro a cinco mil pessoas. E as pessoas lotavam o auditório, aí tinha de fazer quatro ou cinco sessões. Todo mundo queria vir, era muito bom, mas não tinha lugar e a gente tinha que fazer acordo. As pessoas não podiam lotar o auditório, por causa do problema de público, e aí tinha de se fazer quatro ou cinco sessões. Tinham os moços que ficavam trabalhando das quatro horas da tarde até a meia-noite. Mas foi mais ou menos um ano, um ano e meio, que também veio o cinema. Então, vieram as palestras, as exposições, a música e o cinema. E teve até um pouco de teatro aqui. A Natália Timberg veio aqui uma vez fazer um monólogo e mais alguns artistas. Mas, para o teatro, tinha de ser uma coisa bem restrita, porque o palco era pequeno.

**DP:** E o público que vinha para os eventos era um público que frequentava a Biblioteca? Vocês chegaram a fazer esse tipo de pesquisa?

**MCB:** Era gente daqui de perto e também gente de fora, quer dizer, a divulgação era grande. Não tinha televisão, mas tinha jornal, tinha revistas, a gente tinha a nossa revistinha, e aí as pessoas começaram a se acostumar. Então você ouve uma música boa, de qualidade, sem pagar nada, porque a entrada sempre foi franca, porque não pode ser cobrado ingresso aqui. Então, um falava para o outro, o público jovem e também o mais idoso. Porque também teve uma época em que a Secretaria criou um setor da terceira idade e eles faziam apresentações aqui também. Então isso foi mais ou menos no início de 1990. E era até demais o que acontecia aqui. Tinha que dar uma parada: vamos só fazer isso ou vamos só fazer aquilo.

Aí eu saí da Extensão Cultural e fui para uma outra seção chamada Promoção Cultural, aí eu saí daqui da Biblioteca. Fui junto ao Departamento, fiquei por lá por quase quatro ou cinco anos. Saí um pouquinho de lá eu fui para o Ônibus Biblioteca, que foi uma experiência muito boa, a gente não tinha muito acordo e acredito que não tenha mais ônibus. Foi na época da prefeita Luiza Erundina, que isso foi um resgate do Mário de Andrade, porque, aqui na Praça da República, tinha o Carro Biblioteca – que tem até fotografia, se você procurar. Então ele ficava parado lá e emprestava livros, ou a pessoa lia. Então a ideia era essa: onde não tinha biblioteca, a gente colocava um ônibus, que era para a pessoa poder ter um acesso - no Rio Bonito, no Largo do Japonês, lugares que não davam para você construir bibliotecas, porque você não pode construir bibliotecas em todo lugar.

Então o ônibus ia até lá, chegava às nove horas da manhã e voltava às quatro horas da tarde. Você fazia um empréstimo por uma semana, aí na outra semana ele voltava, e... Era uma coisa muito interessante, as pessoas devolviam os livros. No começo a gente achava que eles não iam devolver, que iam jogar fora. Lógico, tinha sempre aquela estimativa de perda, mas iam e devolviam. Então tinham livros infantis, de adulto, e algumas revistas e jornais. Então tinham as mesinhas que ficavam lá fora, tinha o toldo, que a gente puxava do ônibus. Tinha aqui no Anhangabaú, do pessoal do centro que não vinha na circulante, porque a circulante, antigamente, era aqui, depois ela saiu daqui. E daí ficou mais ou menos longe, não ficou muito pertinho e o pessoal que não ia à circulante, ia ao ônibus. Então, isso durou uns quatro ou cinco anos. Nós chegamos a ter uns vinte ônibus e era muito interessante. Mas, depois, os governos foram mudando e tudo vai... O duro é que um quer acabar com as coisas do outro: “Não. É assim? Não. Quero fazer um outro, um melhor, um maior...”. E não precisa, não é? Hoje eu acho que não tem mais que umas kombis, não é mais aquele espírito, do ônibus.

**DP:** E no seu trabalho, você é quem cuidava?

**MCB:** Então, eu cuidava. Era assim: eu saía com o ônibus três vezes por semana. São cinco dias de trabalho, então três dias da semana eu ia em roteiros diferenciados e, nos outros dois dias, eu ia à Biblioteca Monteiro Lobato, porque era lá que funcionava. E eu cuidava do acervo dos dez ônibus que nós tínhamos naquela época: dez de BIJ<sup>3</sup> e dez de BP<sup>4</sup>. Então sempre que chegavam as coisas novas, a gente preparava os livros e o pessoal da catalogação mandava catalogar. Você tinha que separar fichas, colocar etiquetas e depois levar para os ônibus. Então dois dias eram de preparo e, nos outros três dias, eu ia nos roteiros. Então, você ficava os cinco dias assim. Eu cheguei a trabalhar quinze dias seguidos, porque iam inaugurar cinco ônibus seguidos, mas trabalhando sem parar. Mas era muito interessante. O pessoal ficou triste, até, sem os ônibus. Às vezes você ia no ônibus e a menina: “Tia, você me paga um café com leite?”, porque ela achava que no ônibus tinha, e não tinha. Tinha os nossos lanchinhos, que a gente levava. E tinha também uma parte de assistência social, porque o ônibus ficava sempre perto

---

<sup>3</sup> Bibliotecas Infanto-Juvenis

<sup>4</sup> Bibliotecas Públicas (voltadas para o público adulto)

de uma escola municipal, porque era para se você precisasse de alguma coisa, assim, de um banheiro, porque se você tivesse alguém, alguma pessoa que se sentisse mal, então você não podia estar em um lugar isolado. A gente ia lá e conhecia a diretora. Então tinha uns lugares com umas crianças muito carentes. Então a gente tinha sempre um lanchinho: “Olha, dá um lanche para ele”. Então tinha uma parte também... E, no caso, as meninas, saber de contracepção, tomar o remédio e não sei o quê. Mas começava assim, com um livrinho. Aí ela dizia: “Ah, mas não é esse que eu quero”. Então: “Qual é o livro que você quer? Você quer um livro de educação sexual?”. Aí a gente dava um legal e tal... E também a gente ficava perto de um posto médico de saúde. Então isso era legal, era interessante. Não era só o livro, a gente ia conhecendo... Às vezes elas traziam um bolo para a gente e falava: “Ah, a gente veio trazer...”. E também, às vezes, perto tinha uma padaria, que era para a gente ter um apoio. Era um trabalho bonito, que todo mundo saía gratificado.

**DP:** E a escolha dos livros desse acervo que ia para a Biblioteca, como é que era feita?

**MCB:** A escolha era comprada pelo setor de compras e também a gente tinha..., porque, às vezes, tinha gente que chegava: “Quero isto, porque a professora está pedindo aquele livro”. Então, nós também encaminhávamos, porque era também uma coisa importante, porque, às vezes, assim, você também não sabe o que a pessoa está querendo. Dependendo do lugar, também, a gente mudava. Às vezes eram crianças menorzinhas, que queriam começar a ler. Às vezes era gente querendo livro de história, de geografia, então, a gente atendia muito o que eles queriam. No dia seguinte que a gente voltava, a gente mandava para a compra, que é para atender todo mundo. Era muito bom, era uma coisa muito interessante. E fiquei chateada quando... Pode ser que ainda volte, não é?

**DP:** Você acha que o público que frequentava os ônibus é muito diferente do público que frequenta a instituição?

**MCB:** Sim. Era um público muito carente, crianças descalças... Na escola não tinha os livros e a biblioteca também não. Às vezes eles têm a biblioteca escolar sem livro.



“Ai, tia, eu queria esse...”. Às vezes, deixava levar para casa... Aqui não, aqui o pessoal já sabe mais o que quer. Apesar de eu achar que esta Biblioteca tinha que ser uma biblioteca de preservação. Isso é uma coisa que um bibliotecário, já falecido, muito amigo, o Percy, que sempre dizia isso: “Isso aqui é uma biblioteca de preservação!”. Então, o acervo que a gente tem, tudo isso que a gente tem aqui dentro, não é para ficar sendo manuseado assim, só por pesquisadores, uma coisa mais para você ter ali e saber quem é que vai utilizar aquilo. Mais antigamente, aquelas cabines que tem aqui, tinham os pesquisadores. Depois elas foram desativadas, o que foi uma pena, porque o pesquisador vinha e ficava lá - você sabia quem era a pessoa, você já separava os livros. Pode ser que um dia ela se torne assim... Ele falava que era uma biblioteca de pesquisa, conservação e custódia – custódia, assim: todo material a gente faz custódia, a gente guarda aqui.

Todo o material que está aqui é da prefeitura, é tudo tombado, tombado assim: tem o número... E a gente não pode se desfazer de nada, nem que seja de um livro, não pode! Então esta Biblioteca, conversando com a atual diretora, a gente chegou mais ou menos nisso: que ela tem que mudar um pouquinho, porque agora tem internet e mudou muito, antigamente as pessoas vinham aqui, tinham que tirar xerox, hoje não, pela internet você já consegue muita coisa. Isso do público mais em geral, agora, desse público mais fiel, das épocas passadas, da Seção de Artes, a gente tem de dar um pouquinho mais de atenção.

**DP:** Isso é interessante. E em relação a esses quase trinta anos em que você esteve aqui, que você falou que tinha um público mais interessado, que vinha aqui buscar informação mais sofisticada, e hoje menos?

**MCB:** É, mudou. Eu acho que essa falta de gente para atender também ajudou. Às vezes a pessoa vem, chega, e não tem, assim, uma pessoa que possa dar uma atenção - poucos funcionários, porque tem pouquíssimas pessoas atendendo - e também porque a Biblioteca foi perdendo muito daquele *glamour* que ela tinha, talvez: “Ah, é a Mário, porque a Mário tem...”, hoje em dia você nem sabe se tem. Ou também você não precisa vir aqui, porque você pode telefonar e o setor de atendimento diz se tem ou não tem. A frequência não quer dizer tanto que a Biblioteca ficou melhor ou pior. É que os meios de comunicação mudaram tanto que você não precisa vir aqui. Talvez a frequência tenha caído um pouco por isso. E

também a internet. A internet mudou muito esse negócio da comunicação. Você não precisa vir aqui, vamos falar a verdade, você só precisa vir aqui se você for fazer uma pesquisa de um jornal de 1940, então você tem que vir, porque senão você não vai encontrar em outro lugar.

**DP:** Você estava envolvida, na década de 1980...?

**MCB:** Eu me formei em 1968, 1969... Eu já fazia parte de um grupo de tecnologia, que tinha na Associação Paulista dos Bibliotecários. Então eu sempre ia a congressos, fui secretária da Federação das Associações dos Bibliotecários. Então eu sempre participei de muita coisa. E hoje em dia eu sou presidente da Associação porque ninguém quer ser. Você entende qual é o problema? Eu me interesso porque é a minha vida também. Imagina se a gente não fosse mais interessada?

A gente caminha para uma reestruturação, estamos sendo mais escutados por esse governo atual, com reuniões diretamente com a Secretaria atual de Gestão Pública e isso é muito importante. E ninguém quer: "Ai, é que eu não posso, eu não posso, é que você já conhece". Eu quero gente nova, mas quem é que está aqui, de novo, que pode? De novo, que está aqui, ninguém pode! E teve um tempo em que a Eva trabalhava aqui, Eva Tereza de Figueiredo. Trabalhou muito tempo, e que você deve ter escutado, porque ela ficou muito tempo aqui e que a gente está tocando. Agora, por que você tem que se associar? Porque é o canal para você falar com a prefeitura, senão não precisava existir, porque eles não gostam de sindicato. Sindicato é uma coisa que não agrada. Então tem associação dos estudantes, dos médicos, dos professores e dos bibliotecários também. Então eles escutam quando a Associação vai lá. A nossa Associação vai fazer cinquenta anos no ano que vem, que vai fazer oitenta que existe a Biblioteca. Então a gente precisa da prefeitura, que assina as coisas, e a prefeitura não dá muito valor, chama um outro, agora com esse negócio da terceirização.

Agora a gente está com um projeto de organizações sociais e a gente está morrendo de medo - querem terceirizar vários setores. Nós fizemos até uma consulta com o advogado e parece que isso não... Por exemplo, nesse projeto das organizações sociais, que são as OS's<sup>5</sup>, você pode comprar coisa sem licitação.

---

<sup>5</sup> Projeto de participação das Organizações Sociais nos serviços públicos municipais da cidade de São Paulo.

Como é que você pode fazer alguma coisa sem licitação? Então, é o seu amigo que vai fazer... Essa é uma luta, porque, se deixar que a terceirização tome conta, vai acabar o funcionário. Até chegar o funcionário, tem chamar o CRT<sup>6</sup> e resolver esse problema, quer dizer, ganhou, não ganhou... Então, essa é uma outra luta, que é uma luta mais pela gente e pelo dinheiro também, lógico, mas a Associação está lutando por isso. Você tem de ficar atento à Câmara, o que é que vai passar lá, uma leizinha que mexe com você e você não está sabendo, um projetinho. Então você tem que ir lá na Câmara dos Vereadores.

**DP:** E o plano de carreira dentro da prefeitura, existe, para o bibliotecário?

**MCB:** Pois é, a gente, em 1978, quando eu entrei, tinha setecentos e cinquenta bibliotecários no conjunto da prefeitura. E não pense só na biblioteca pública, tem bibliotecário em hospital, enfim, em todos os setores da prefeitura, todas as secretarias têm. Então, tinha uns 750, hoje - e esse número eu vou ficar te devendo - mas, em exercício, deve ter uns 220, e eles sabem disso. Agora, também é má vontade do secretário de cultura, porque o secretário tem de ir lá e dizer: “Olha, está faltando, eu quero concurso”. Porque antes tinha a contratação, mas hoje contratação não existe mais, existe é o concurso. E eu fiquei muito contente porque o Dr. Luís Francisco falou que ia pedir o concurso, porque eles vão pedir o concurso. Isso é muito bom para nós, para poder valorizar. Como é que você pode valorizar? É esse pessoal fazer o concurso e vir trabalhar. Então vamos ver isso. Se vingar no ano que vem, a gente pedir direto com o secretário, apesar de sempre a gente estar fazendo, isso será muito bom para nós. E outra coisa muito interessante: agora que eu estou aposentada, eu fui voluntária aqui na Biblioteca e eu continuei a ajudar. E a Ângela falou: “Você bem que poderia ajudar...”. Mas é que aqui tem umas situações meio diferenciadas. Não que ela seja complicada, é que ela tem umas situações meio complicadas, diferentes.

**DP:** Gostaria que você falasse um pouquinho sobre o acervo, como ele foi constituído, as suas características.

---

<sup>6</sup> Conselho Regional do Trabalho

**MCB:** O histórico das bibliotecas mostra que elas são depositárias dos materiais. Elas são depositárias parciais ou integrais. Nós somos parciais, porque total — não temos espaço para isso tudo, é muito. E ela é a única biblioteca com classificação especial, porque há uma biblioteca de referência mundial, que fica em Nova Iorque. Então, quando o livro chega aqui, você não precisa reclassificar. Quando ele chega aqui, ele já está classificado. Como a classificação dele é toda específica, você não vai olhar, você acompanha essa classificação. Então, em 1958, começou a vir o acervo e a Mário de Andrade foi escolhida. O Brasil tem três depositárias, que é uma em Porto Alegre... (interrupção da gravação). ...que é uma biblioteca que mudou para uma outra sala. E a diretora Lúcia, que tinha até sido minha funcionária, falou: “Ai, Cristina, você vai ficar longe, e não sei o quê, precisa de gente aqui. Mas você não quer ficar na ONU<sup>7</sup>?”. Aí eu falei: “Ah, eu quero”. Então, você tinha que saber um pouco de inglês, um pouco de francês, um pouco de espanhol, que eram as três línguas oficiais. Português tem pouquíssima coisa, quase nada. E eu sei, eu balbucio um pouco, mas eu sei. Então eu fiquei. Eu fazia um outro serviço na Hemeroteca, que é uma parte de recortes de jornais, e depois eu ia para a ONU. Então aí você via que tinha pessoas diferenciadas, porque lá tinha os pesquisadores. E não poderia ser qualquer um, porque lá você tinha que saber uma língua, pelo menos. Tem que saber o que é a sua língua, em primeiro lugar e, depois, uma outra língua. E eu consegui deixar mais ou menos organizado. Depois houve uma outra mudança e aí ficou espalhado.

**DP:** E você sabe se está catalogado esse acervo?

**MCB:** Está catalogado por eles. A gente tinha um controle, estava tudo numa sala. Então todo material que você queria consultar da ONU, você entrava e estava tudo lá. Essa sala foi desativada. Foram colocados computadores, não sei, algo da Secretaria de Educação — que houve uma interferência ali dentro — e o acervo foi jogado no corredor. Aí as cabines que estavam desativadas, iam colocar tudo nas cabines. Então foi quando a diretora me chamou e me disse: “Ah, Cristina, você que tem que resolver, porque é você que entende. Não é que seja difícil, é que você tem que saber como é que o material de referência, o material que é folheto, o material

---

<sup>7</sup> Organização das Nações Unidas

que é livro, enfim. Você é quem sabe, você não quer ajudar?” Então, desde agosto do ano passado que eu... E aí está tudo assim porque ninguém mais tomou conta, eu venho aos sábados, porque, durante a semana, eu não ia conseguir fazer, porque durante a semana ficava... Consegui separar várias coisas e tal. E agora que eu falei com o diretor, que eu falei que gostaria de voltar à Biblioteca, como voluntária, se ele me permitisse, e ele disse: “Lógico!”, e ele ficou muito espantado. E então até pensamos em outros bibliotecários, um corpo de voluntários para ajudar. E soube daqueles que trabalharam aqui durante um bom tempo, que até querem fazer alguma coisa. Lógico que seria alguma coisa no papel, com as suas partes trabalhistas, com esse negócio das leis... (interrupção na gravação) ...e que queiram ajudar. Por exemplo, surge um trabalho, um mutirão, um negócio para fazer, então você chama três ou quatro que fizeram aquilo há vinte ou trinta anos e não precisa contratar, não precisa.

**DP:** E quem é que demanda esse acervo em especial?

**MCB:** Olha, a ONU é uma que demanda, mas que está bem enrolado. No momento não tem ninguém responsável da ONU, porque não tem nem gente para cuidar.

**DP:** Mas, em geral, quem busca, quem vem buscar conhecer esse acervo? Quem são as pessoas?

**MCB:** Agora, atualmente, a gente tem um site na Internet, mas antigamente as pessoas entravam no site da ONU, viam quem era o depositário e aí chegavam aqui. Por exemplo, vinha gente de Brasília, do Rio de Janeiro, pessoas que não encontravam as coisas lá. Em Brasília tem um escritório, mas é tudo desorganizado. “Então vai lá em São Paulo que o escritório vai estar organizado”, e era tudo por boca. Agora, com esse site, as pessoas ficaram sabendo. Então, houve uma demanda maior e você precisa estar com as coisas em ordem, e eu soube que não tem ninguém para fazer isso.

**DP:** E esse acervo contempla diferentes assuntos, não é?

**MCB:** Ah, tudo!

**DP:** Todos os assuntos?

**MCB:** Então é uma pena, porque, às vezes, você quer assim: população de tal cidade, população fumante de tais cidades - eles têm. Eles têm muito mais que nós. Aí eu fiz uma pesquisa, uma vez, por telefone. Um senhor, em Curitiba, me pediu, veja só você, o número de suicídios de tantas cidades e eu achei, porque eles têm anuários, coisas assim, e eu achei. Então eu falava por telefone que era isso, era aquilo e mandei os dados para ele. Então, para as pessoas, se fosse advogado então, teria mais gente querendo saber. Tem uma parte sobre América Latina, existe uma comissão na ONU que só cuida da América Latina, dos problemas da América Latina, que é isso que a gente está precisando, porque aqui... e muitas estatísticas estão nos trabalhos da ONU. A UNESCO<sup>8</sup> também. Tem muita coisa da UNESCO, muito bonita também. Aí chegava e a gente falava: "Ai, que lindo que chegou!". Essas coisas do mundo, assim, a água... Eles fizeram um trabalho sobre a água, tudo aquilo de fotografia, tudo em acervo, tudo muito bonito, vale a pena (interrupção na gravação). Se, talvez, a gente conseguisse o prédio do IPESP<sup>9</sup> aqui, que a gente está querendo há muito tempo, eu até falei para o diretor para a gente mudar. Porque aí a gente teria um andar só para isso, que era o nosso plano há um tempo atrás. Então você pega todo esse acervo que está aqui e coloca lá e a pessoa pode perguntar e tal.

**DP:** E a idéia seria, com um tratamento adequado, com algumas pessoas para trabalhar nisso e informatizar, que haveria um número grande de pessoas que viriam.

**MCB:** Isso, informatizar tudo, porque já existe tudo no computador, porque a ONU é organizadíssima. Você tem tudo o que você quer. Você olha a referência lá no Google: "Será que tem?". Porque pode ser que não tenha, porque talvez não tenha chegado aqui, que não tenha isso mastigado. Mas tem assim, você tem que pegar e botar tudo no computador. Você pega o número de classificação - se ele tiver - você vai lá e põe no Google. Então, se você quiser, está tudo na sua mão. E se você quiser ter um acesso maior, você paga – você tem que pagar um tanto – e você tem

---

<sup>8</sup> Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

<sup>9</sup> Instituto de Previdência do Estado de São Paulo

acesso. Você tem uma senha e aí você tem até cópias pelo computador mesmo. Então o negócio é bárbaro.

**DP:** E ele fica como se fosse um depósito?

**MCB:** É, isso, um depósito, como se fosse o depósito de um documento original, que vem de lá. Então tem coisas que, se você não encontrar em outro lugar, você encontra aqui. Se você gosta desses anuários, se você tiver curiosidade, você passa lá na Mário. É uma sala só de anuários, sobre todos os assuntos. Tem uma parte da ONU que fala só sobre o mar, é só sobre o estudo do mar. Então essa coisa que teve aí de tsunami, deve ter tido alguma coisa a ver porque envolve o fundo do mar. Então, é um estudo só sobre o mar. É muito bonito, muito interessante, mas jogaram para as traças. Mas isso não quer dizer nada, tudo isso é um ciclo que se renova e que a gente pode voltar a arrumar tudo isso. A Biblioteca seria uma maravilha, porque aí você fica com tudo e a pessoa vai diretamente lá para pesquisar.

**DP:** Então quer dizer que você participou do primeiro processo de informatização do acervo, da escolha, dos critérios do que é que seria inicialmente digitalizado?

**MCB:** Não, eu não participei, porque isso é com o pessoal da catalogação, dos processos técnicos. Eu só participei aqui quando, logo que eu entrei, foi inaugurado o Centro Cultural, que a gente teve que tirar uns livros daqui e mandar para o Centro Cultural.

**DP:** Eu queria que você falasse um pouquinho desse momento, que foi uma inflexão, não é?

**MCB:** O Centro Cultural todo era para ser a biblioteca da cidade de São Paulo, que o arquiteto, que infelizmente eu não me lembro o nome, que eu conhecia, que era o Eurico, que era apaixonado por navios e, se você olhar para o Centro Cultural, você vai ver que ele é um navio, porque, se você olhar, ele está num declive e ele tem os decks – olhando da Vinte e Três de Maio que você vê o navio. Então, quando ele viu esse espaço, ele ficou entusiasmadíssimo, ele fez a maquete, que o cupim comeu, eu não sei o que aconteceu, mas que era uma gracinha essa maquete. Então era

para ser a biblioteca da cidade de São Paulo. Depois, houve algumas mudanças, e ela virou Centro Cultural, porque em Paris foi inaugurado o Centro Pompidou. Então, depois do Pompidou, veio a ideia do Dr. Mário Chamie, que era o secretário da Cultura: “Não, isso vai ser o Centro Pompidou”. Nunca que isso ia ser o Centro Pompidou, virou outra coisa. Mas, enfim, o que ele fez? Acabou! Não é mais uma biblioteca, virou um centro, virou um centro cultural e a biblioteca foi parar no andar de baixo.

Então, para inaugurar, foi uma correria. Era para ter um auditório grande, e agora tem três pequenininhos, e o Eurico louco: “Meu Deus, agora vai ter que mudar tudo!”. Tem uma árvore, bem ali no meio, que ele não deixou tirar, que é tudo de vidro, que é para você poder ver a vegetação. Então mudou tudo e nós ficamos sem a biblioteca. Nós ficamos com o Centro Cultural, com a seção de arte que era aqui e mudou para lá. Isso foi bom, porque a discoteca e a seção de arte se mudaram para lá. Aqui só ficou a sala do Sérgio Milliet - e não sei se você sabe o motivo porque essa sala continuou aí - porque existe um decreto, um decreto que diz que essa sala tem que ser a Sala de Arte Sérgio Milliet. Então não pode sair daí, só se o decreto revogar.

**DP:** O que é que foi e o que é que ficou? O que foi definido que sairia?

**MCB:** O que ficou definido foi seguinte: toda a parte de arte saiu daqui. Porque a gente tinha uma divisão só de arte, que ficava aqui dentro, e houve uma mudança.

**DP:** Toda a parte de iconografia?

**MCB:** Sim, tudo, tinha até quadros aqui, você sabe, não é? E gravuras e coisas maravilhosas.

Só que teve um problema de conservação, porque, logo que foi inaugurada, começou a chover e teve um alagamento lá. Alagou por todos os lados, tiveram que cobrir tudo com plástico, já pensou você perder? Agora sim tem um local climatizado. Mas essa seção de obras raras, eles queriam levar para lá. No fim virou uma briga, que acabou ficando aqui. Então, o que é obra rara, fica aqui, mesmo sendo gravura, o resto foi para lá. Então aqui você tem obras raras e mapoteca. E ali, a Sala Sérgio Milliet, que, na verdade, só tem mais livros. Devem ter algumas



coisas ali, deve ter uns murais, umas gravuras. E nem os quadros que tinham aqui, que foram todos para lá. Então esta sala continua aí porque existe um decreto, que diz que a Sala tal será a Sala de Artes Sérgio Milliet e não pode sair daqui. Quando ele foi criado, o Centro Cultural, que aí houve essa discussão, o que se vai levar para lá, tinha que se levar a biblioteca de arte, porque aí ia ter mais cultura e tinha que ser uma coisa bonita e aí ficaria tudo junto. E outra coisa: tinha a Casa das Retortas, que era um espaço alugado do antigo IDART<sup>10</sup>, que o IDART funcionava aqui dentro. Aí o IDART também estava com um pouco de coisa lá e aí juntou tudo no Centro Cultural, e aí ficou um pouco de tempo na Mário de Andrade e depois veio para cá. Então, como é que a gente ia inaugurar uma biblioteca se tinha pouquíssimos livros? Então foram tirando livros daqui e levando para lá. Só que eles tinham que voltar, mas não voltaram mais. Quer dizer, ficariam livros de dez anos, de anos para trás. Então passava um ano, você pegava o livro, e trazia para cá de volta. Por isso não foi mais Jorge Amado, mas as obras mais importantes continuam aqui, porque lá também é de livre acesso e aqui não é. Bom, então foi chato porque a gente ia ganhar uma biblioteca grande, mas ganhamos uma biblioteca muito boa, muito bonita, diferente, moderna e aí eu falei que não queria ir para lá. Eu gostava tanto daqui, lá não é a minha praia, sabe? Eu já estava acostumada, o que eu ia fazer lá? Aí os meninos que foram para lá, logo no começo teve um problema: abafadíssimo! Porque o ar condicionado não funcionava e não tinha janela. Outra coisa: tinha muita máquina de escrever. Se você estava escrevendo na máquina e você tinha que ficar num cubículo fechado que quando a pessoa entrava na cabine ficava ouvindo você bater na máquina. Sabe, todos esses problemas. Aí chegou a minha chefe e me perguntou se eu queria ir para lá. Aí eu disse que não, eu continuo aqui e continuei aqui. E muita gente foi para lá e o Eurico viu a inauguração e gostou muito. Não era bem o que ele queria, mas, enfim, gostou muito. E hoje em dia o Centro Cultural tem 23 anos, que foi inaugurado em 1982. Eu estava grávida e meu filho nasceu em fevereiro e o centro foi inaugurado em janeiro. Tanto que eu não fui na inauguração porque eu estava com uma barriga muito grande e porque no dia da inauguração eles estavam empurrando, ainda, sabe, coisas no chão, e, então, eu disse: “Não, eu não vou” - podia até levar um tombo por lá. E foi um espaço muito bom, mas tem uma coisa: o Centro Cultural é uma coisa à parte. Porque você fala

---

<sup>10</sup> Departamento de Informação e Documentação Artística

em bibliotecas públicas, mas você não fala no Centro Cultural. Que eles se tornaram o mundo deles: é o Centro Cultural.

**DP:** Qual é a diferença?

**MCB:** Não é uma biblioteca. Eles sempre quiseram que fosse uma coisa mais diferencial, mais bonita, mais moderna. Às vezes, como bibliotecária, a gente até esquece que tem bibliotecário no Centro Cultural, porque fica afastado. Afastado, porque BIJ e BP sempre foram muito unidos. Porque tem bibliotecas infantis que funcionam nos prédios com a biblioteca de adulto, a mesma coisa. Então, sempre foi BIJ-BP, BIJ-BP, BIJ-BP. Com o Centro Cultural foi diferente, por isso eu até esqueço.

**DP:** E essa relação do Centro Cultural com as outras bibliotecas, com a Mário de Andrade? É o tamanho do acervo, é a maneira como foi constituído?

**MCB:** Bom, ela foi a primeira biblioteca pública. Porque, se você prestar atenção, não existe uma biblioteca pública do Estado. Não existe. Existe uma Biblioteca do Memorial da América Latina, mas não é a biblioteca pública do Estado. Então nós sempre suprimos a falta da biblioteca pública estadual central. Por exemplo, a USP tem a biblioteca central, dentro da USP, e o Estado não tem. Tem as bibliotecas das escolas estaduais e não tem a biblioteca central. Então, nesta Biblioteca, vinham muitos alunos, desde a 7 de Abril, depois fizeram a reforma deste prédio e, como eu acho que, no fundo, não ia ter a biblioteca do Estado, a intenção era essa, ela virou uma biblioteca municipal, mas que acolhia...

Tinha a Monteiro Lobato, mas aí começaram as bibliotecas de bairro. Então, quando eu entrei, tinham doze bibliotecas de bairro, só. Eram poucas e depois é que foram sendo construídas, então esta era a referência porque não tinha outra. Então, não só guardava acervos, por ela ser a principal, tanto que ela não é considerada uma biblioteca ramal, apesar de ela ser, porque as debaixo são todas ramais. Ela tem uma diretoria, tem um organograma diferente. No contexto da Secretaria de Cultura, seria a Monteiro Lobato e a Mário de Andrade, as duas referências principais e, depois, as ramais. Só que a Monteiro Lobato é menor, porque nem precisava ser uma biblioteca desse tamanho. Então, ela sempre foi um ponto de

destaque. E outra que, depois que ela foi construída, aqui não tinha nada. Tinha esse prédio, com uma praça muito bonita, com essas árvores e tudo isso. Não tinha tudo isso que tem aqui perto. Então, é por isso que ela ficou a mais importante, e pelo acervo também.

**DP:** E no momento em que você estava aqui, esse processo de aquisição se manteve até... Quem era a diretora, quando você chegou aqui?

**MCB:** Era a Lúcia. Antes dela eu não me lembro quem era, mas era a Lúcia Neíza, que foi da Erundina, e depois ela continuou. Então, depois, era uma dificuldade porque, se queria uma coisa, não podia, era outra coisa, não podia, e não se gostava disso, enfim, a cultura não era, vamos falar a verdade: não dava voto! Então se não dá voto... Porque eles tratam os presos daquele jeito? Porque eles não votam. Se os presos votassem, eles iriam pensar de outra maneira. Então é aquilo lá - todos jogados. A cultura não dá voto. Pegue os vereadores: "Quantos vocês são?". Bem, porque a cultura deve ser pensada junto com o esporte também, porque a Secretaria de Cultura é cultura, esporte e lazer. Então a Secretaria de Esporte também foi muito abandonada - são as piscinas públicas, os parques, tudo fechado, tudo jogado, tudo falido, ninguém se interessou. Mas ninguém abre um clube, chama todo mundo. A Marta que inventou o negócio dos CEU's<sup>11</sup>, que também não funcionava, porque também não era todo mundo que entrava lá, mas foi uma coisa que ela fez para a periferia. Então, gestão do Dr. Paulo — como ele gosta de ser chamado — veio aqui, fazer demagogia para nós. Foi muito difícil e todo mundo tinha que... Ele se vangloriou de nunca ter greve, mas não adiantava fazer greve, porque não ia resolver nada.

**DP:** E como era sentido no dia-a-dia da Biblioteca? Como é que essa falta de investimento começou a...

**MCB:** Começou assim: se você for procurar um livro de contabilidade, tem um livro de 1972. Então os livros novos não eram comprados, o acervo fica para trás. Aí as pessoas também... E esse era também um dos motivos que as pessoas não vinham

---

<sup>11</sup> Centro Educacional Unificado

tanto, porque ela ia vir procurar um livro que não tinha. A pessoa vinha aqui procurar e não tinha ou não estava comprado, ou estava demorando para vir. Então isso também ajudou - a compra foi pouca e a nossa valorização nenhuma. Foi muito difícil.

**DP:** E a Extensão Cultural continuava?

**MCB:** Continuava, mas não tinha muitas coisas. Tinha música, tinha algumas palestras, coisas que mandavam, aí você pensa: "Ah, fulano mandou fazer isso...". Na minha época, eu tinha que fazer uma programação, conforme os eventos. A gente tinha um calendário anual, com dia disso, dia da árvore, dia do índio, dia do... Tinha que ter alguma coisa relacionada. Aí chegou um momento que não teve mais isso. Bom, eu também não estava diretamente... Quer dizer, nunca fui política, mas você sente também que fica, assim, meio afastada.

E depois veio o Pitta, que foi uma continuação do Maluf. Então continuou a mesma coisa - sempre a indicação de várias pessoas que eram amigas e nós não conseguimos... Acho que teve um concurso. Com o Maluf não teve nenhum concurso, mas no Pitta teve um. Nós tivemos um concurso, mas aí demorou muito para chamar as pessoas.

Aí veio a Marta, que a gente ajudou - uma mulher, mas também não valorizou o funcionário, o livro. Aí veio essa história dos CEU's e, com os CEU's, foram criadas as bibliotecas. E aí foi um problema sério, porque ela contratava bibliotecários para os CEU's, que não faziam parte. Então eles faziam o concurso e diziam: "Você vai para o CEU, lá para a Vila não sei das quantas". Aí a pessoa dizia: "Não vou!" - "Ah, então não vai mais para nenhum lugar...". As pessoas que iam ganhavam o dobro, porque era outro salário, não era o salário da prefeitura. E isso foi muito chato porque criou uma inimizade - uma ganhava quatro mil reais e a outra ganhava dois mil reais? Então você fazia um concurso, ganhava dois mil reais, você era contratada e ganhava quatro mil reais. Então foi difícil. O acervo, também, foi mais para o CEU, para as bibliotecas dos CEU's e as outras foram ficando. Não sei hoje em dia como é que está aqui, mas aqui foi chegando pouca coisa. Eu via mais ou menos, mas nesses últimos quatro anos eu não estava aqui.

E agora, não sei, a gente está esperando... No primeiro ano, eu, como presidente da Associação, no começo do ano, fui conversar com o secretário de

finanças – nós fomos apresentar para o secretário, todas as associações - e o secretário de finanças da prefeitura disse que, no dia três de janeiro de 2005, os cofres da prefeitura tinham 13 mil reais. Porque muita gente deve ter... Quer dizer, muita gente deve ter mais de 13 mil reais. Porque só tinha 13 mil reais e que eles ficaram, assim, malucos. Com 13 mil, como é que a gente vai fazer? Então, esse ano é de sacrifício. Entendemos – entendi – que não poderíamos ter o aumento, porque o aumento estava planejado no outro ano, no ano anterior, porque é sempre de um ano para outro. Então, se você tinha 13 mil reais, o que você vai fazer de cultura? Você tem que ver os hospitais, as escolas, você tinha as escolas de lata, porque se você tem uma escola de lata e a biblioteca, você vai primeiro acabar com a escola de lata e depois você vê a biblioteca.

Bom, a gente tem promessas, não sei até que ponto vão ser cumpridas, mas tem sempre uma esperança. Dizem que ela é a última que morre, não é? Para nós, ela não morreu ainda. Mas é muito difícil para o funcionário ter de passar, quer dizer, a cada quatro anos você tem uma mudança que... E quando há uma mudança de partido é pior ainda, porque o partido: a gente fez isso desse jeito, aí o outro tem de ir lá e fazer de outro, ou, quando é um continuísmo, como foi no Maluf, que o Pitta foi exatamente... Não mudou nada! - “Mais quatro anos desse jeito”, e foi isso mesmo. Então é muito difícil para o funcionário não se envolver, porque você não pode se envolver, você tem os cargos, que você tem que trabalhar. Se você está na chefia, você fica meio assim... E não pode falar nada! Então tem que trabalhar e isso é difícil para o funcionário. Quando você pega esses últimos 12 anos, é difícil.

**DP:** E você acha que a Biblioteca sentiu muito? Em que sentido?

**MCB:** Do acervo, em primeiro lugar. O pior de tudo foi o acervo, porque, com o acervo, você teria de comprar coisas novas, e não foi. E é muito demorado, nunca tem dinheiro. Se você tem que comprar remédio, não vai comprar livro, tem que ver os ônibus. Tinha sempre que cada um tem o seu segmento. Então o acervo, para mim, foi o pior. Na parte física, houve muitos problemas aqui de uns encanamentos, porque a reforma aqui não foi bem feita, tinha cano que estourou, a água vinha lá de cima, a iluminação estava péssima. Nada melhorou, sabe? Os computadores que eles tinham prometido... agora é que se tem alguns aqui. Mas não tem, porque aqui deveria ter, para você poder... A internet você tinha que ficar horas para você poder

usar a internet. Agora eles têm uns pontos com a internet, como ali na Secretaria de Cultura, na Avenida São João. Tem uma parte lá embaixo com os telecentros que são muito interessantes e isso ajuda.

Enfim, mas aqui a gente vive um volume muito mais..., porque nós ficamos parados no tempo. A parte de informática não existe, é pouquíssimo o que tem aqui embaixo. O que existe aqui foi por causa da EMBRATEL<sup>12</sup>. Quer dizer, a EMBRATEL ajudou, colocou o dinheiro aqui, com a iluminação que estava péssima, com a luz apagada, a sala de leitura... Foi a ELETROPAULO que bancou o projeto de uns estudantes de arquitetura. Então isso melhorou. E, agora, o diretor disse que vai haver uma reforma, não muito bonita arquitetonicamente, que não foi pago o projeto, imagine, a reforma, que seria para baixar mais três pisos, não sei o quê. Aí eu já acho muito sofisticado. Porque o dinheiro da Biblioteca foi desviado para o Mercado Municipal. Porque o dinheiro que era para vir aqui... Porque o Mercado é uma coisa muito mais visível. Eles fizeram o mezanino, tem restaurante para todo mundo ver. E a Biblioteca, que você só vê quando precisa,...

**DP:** E Cristina, você teve a função de ser diretora...

**MCB:** Eu não fui diretora, eu fui chefe.

**DP:** E presidente da Associação...

**MCB:** Isso, presidente da Associação.

**DP:** Quais são os grandes desafios que você achou de todas as bibliotecas brasileiras?

**MCB:** Bom, existe um projeto federal de interligar todas as bibliotecas. Aí você fala: “Por que a Rede Globo?”. Porque é uma rede, em todos os lugares, você pega a Rede Globo, tem antena. Então, a nível federal, tem um projeto muito interessante, que é você interligar todo mundo. Então isso é que é o futuro para a gente. Não é assim, a Mário de Andrade melhorou e tal. Não, você não pode estar só pensando

---

<sup>12</sup> Empresa Brasileira de Telecomunicações

aqui, você tem que estar ligado com Manaus, com o Maranhão, com o Rio Grande do Sul, com qualquer universidade. Isso está, sabe? O Ministério da Cultura não deslanchou, não tem dinheiro.

Teve um programa, chamado “Fome de Livros”, muito interessante, mas que também... Então teve um congresso agora em Curitiba, de biblioteconomia e educação, que eu fui, agora em junho, e a grande reclamação foi essa: quem está ajudando as bibliotecas no mundo, porque não é só um problema nosso, é a UNESCO. Bibliotecas que foram queimadas, destruídas por guerras, por isso a UNESCO está ajudando. Bom, eu falei: “Quem sabe se a UNESCO ajuda a gente em alguma coisa?”. A UNESCO ajuda a gente, mas a biblioteca tem que estar destruída, senão ela não manda dinheiro. Então eu acho que o grande desafio é esse: é você ter uma rede, um negócio bem estruturado. A informática pode ajudar, mesmo, para você estar ligado, e qualquer informação pode ajudar. Porque o ponto... Você já imaginou o quanto de informação que você tem aqui dentro? Você não sabe, a gente não sabe. Porque, o que está aqui dentro, eu sei mais ou menos localizar, mas o resto você não sabe. Então o grande segredo do negócio é você ter informação ali. A Rede Globo tem por quê? Porque ela tem o SEDOC, um setor de informação, que lá você tem tudo que você possa imaginar. Eu tenho uma amiga, que trabalha lá no Rio de Janeiro, e eles têm tudo o que você possa imaginar. Aí o cara pensa: “Ah, eu vou pôr um jacaré, eu preciso de um jacaré.” – está lá – “Ah, vou pôr o Roberto Jefferson...” – “...e precisa-se de não sei o quê...”. Você pega toda a vida dele, entendeu? É uma coisa estrutural e, à medida que, se você tiver um setor de pesquisa – aqui quando eu falei que era um setor de pesquisa – ao invés de você fazer pesquisa, ao invés de você ficar atendendo: “Eu quero *Iracema*, eu quero *Helena*, *A Mão e a Luva...*”, entendeu? Então você tem um setor de pesquisa e aí você alimentar e mandar tudo embora.

Eu li que a Biblioteca Pública de Nova Iorque, que é uma grande biblioteca, vai informatizar tudo. Tudo o que ela tem lá ela vai colocar no computador para você saber tudo o que tem. Você já imaginou? Porque aí a pesquisa demora dois minutos. Você tem o que você quer e sabe onde tem. Porque você, sabendo onde tem, você não perde tempo e vai direto ao ponto. O mais importante, que eu sempre quis ajudar as pessoas aqui foi: “Onde é que está? Está aqui? Se não, onde está?”. E é você chegar. Porque não é só você ter a informação, o negócio é chegar e não demorar para chegar. Por exemplo, quando morreu aquele Bandido da Luz

Vermelha, você se lembra? Veio um pessoal aqui da televisão querendo coisas de trinta anos atrás, o que tinha acontecido, como ele era... Então, você aqui, nas revistas e nos jornais, quem é que tem isso? Aqui, não é? Aí nós ficamos: "Olha,...". Aí achamos todas... Aí você tinha de ter isso nos jornais... E esse retrospecto está onde? Está nos jornais, nas revistas. Se você tivesse um levantamento disso, você não tinha de correr tanto. É só um exemplo que eu estou te dando, mas acho que o grande desafio é esse.

**DP:** É dar a transparência à informação?

**MCB:** É, a informação certa, a informação rápida, é você saber tudo o que você tem. E você tem de chegar logo e, para isso acontecer, você tem que ter gente trabalhando.

**DP:** Para isso acontecer?

**MCB:** Precisa. E não é só esse o problema, você ficar atendendo uma pessoa ou outra pessoa. Eu acho que, no momento, não é mais isso. Se você quer fazer um trabalho escolar, você não precisa mais ir à biblioteca. Se você tiver um computador, um telecentro, você vai lá e você faz, qualquer coisa você acha. Você vai lá e acha. Antigamente, não, você tinha de ir à biblioteca, você tinha de pegar a enciclopédia, tinha que tirar cópia. Então isso da gente caminhar mais para a grande rede, essa coisa global, essa globalização dos países, que não deu muito certo, mas da informação. E isso é uma coisa que eu não sei se eu verei alguma coisa parecida, mas, pode ser que a gente veja a coisa melhorar um pouco mais.

**DP:** E tem alguma instituição aqui no Brasil que tenha passado por isso de forma bem sucedida?

**MCB:** Não, o único lugar que está melhor estruturado é a Biblioteca Nacional, que virou fundação, que é a Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura e virou Fundação Biblioteca Nacional. Então, agora, eles estão com coisas... é o dinheiro da Fundação. Então você investe. Foi a salvação da Biblioteca Nacional, porque ela também estava afundando e talvez aqui também vire uma fundação. Em conversa



com o diretor – a gente até estava falando sobre isso – talvez até virasse uma fundação, porque, com a fundação, você pode angariar recursos para fazer isso, e no serviço público não dá, porque você tem a verba da Secretaria de Cultura que é dividida para um monte de coisa: o telhado da Biblioteca do Ipiranga, que estão não sei o quê, a caixa d'água do não sei o que lá... Então, se você tiver um pessoal... Eu acho que aqui, se você tiver a Associação dos Amigos da Biblioteca que foi reativada...

**DP:** Como funcionavam os outros Amigos da Biblioteca? Tem uma tradição já de se ter...

**MCB:** Ela começou muito bem, todo mundo muito animado e, depois, foi esmorecendo. Ninguém mais se interessou, os presidentes não quiseram mais e a gente não podia mais... Quer dizer, eu fui até uma das fundadoras. No começo, todo mundo veio aqui e aquele negócio todo, e depois ela morreu. Até que, agora, ela está ressuscitando. Aí é aquela história: você tem de ter gente interessada, tem de ter um pouquinho de dinheiro também e tem que oferecer alguma coisa. E você oferece o quê? Então eu peço para você, aí você fala: está bom, mas o que você me dá em troca? Porque você tem de dar alguma coisa em troca: ou um espaço ou promoções... Então falta alguma coisa aí para deslanchar. Mas pode ser que, se for mudada, se for feito um novo estatuto – até que no dia da aprovação do novo estatuto eu estava – faltou alguma coisa.

É que é difícil. A cultura é muito difícil. É que você não consegue compreender a cultura se você não está lendo, não está entrosado, não gosta de música... Por exemplo, o Teatro Municipal. Quem vai ao Teatro Municipal? É uma elite, não é? Não precisa abrir para todo mundo o Teatro Municipal. Você tem os teatros de bairro, não tem? O que é que o teatro de bairro faz? Eu não vejo nada, mas, às vezes, tem uma peça e outra. Então, quer dizer, falta aquela coisa européia de que você vai, você conhece. Bom, se você colocar uma música erudita, eles gostam, se você colocar uma ópera, eles gostam. É uma coisa bonita, bem encenada. Mas, quem é que vai vir? Primeiro, tem que vir ao Teatro Municipal, depois é aquele negócio, diz que vai rasgar a cadeira. Então, é difícil, é complicado. Mas eu acho que, quando houve uma época do Mobral – você se lembra do Mobral? – aqui era muito interessante porque a gente tinha o Mobral aqui dentro. Então, até

os funcionários que não sabiam... E isso eu achei uma pena. Sabe esse negócio de um ensinar para o outro? E tinha uma televisão, tinham as aulas. Aí tinha o Telecurso, que a Rede Globo trazia os cadernos para cá. E eles vinham... E tudo isso era interessante para você combater esse analfabetismo mesmo, porque... E aí morre.

**DP:** E nisso eu ia te perguntar se há, na Biblioteca, uma tradição de formar os seus quadros, os seus funcionários...

**MCB:** Não...

**DP:** O quanto eles sabem sobre a importância da Instituição, da importância desse acervo...

**MCB:** Os funcionários mais antigos tinham muita noção, sabiam muito. Sabiam também respeitar o bibliotecário, porque eles acham que o bibliotecário só ganha mais, então, eu sei mais, eu vou lá, pego o livro e tudo o mais. Aí, quando dá um pepino, eles vão lá e vão falar com o bibliotecário. Bom, então os antigos reconheciam, porque eles eram melhor treinados. Tinha o setor de recursos humanos do próprio departamento – porque hoje não tem mais. A chefe, que era minha amiga, chamava, dizia onde era, para aquele que estava entrando... Hoje em dia não tem mais isso. E, depois, quando houve um remanejamento, na época do PAS<sup>13</sup>, então veio cozinheiro, costureiro, enfermeiro para a Biblioteca. O que você acha que elas achavam? Uma chatice, um lugar chato, que tem que pegar o livro... Aí, falavam: “Está deslocado”. Para não dizer que não tinha encontrado, a primeira coisa que diziam: “Ah, está deslocado”. Então há muita gente ainda do PAS...

**DP:** E esses funcionários ficam à toa?

**MCB:** Ficam à toa. Então, alguns não gostaram... Muitos foram embora porque não se adaptaram... Então, não é mais aquilo de saber o que é, com o que ele está lidando. E também, quando a Biblioteca foi rebaixada, pelos livros, pelo público...,

---

<sup>13</sup> Plano de Atendimento à Saúde da gestão Paulo Maluf na cidade de São Paulo.

então, eu acho que elas não sabem onde elas estão. Elas sabem que é um lugar cheio de livro, que aí o cara vem e fica ali lendo não sei quantas horas, não sei por que ficam ali naquelas coisas velhas. Mas, aquela formação...

**DP:** E esse foi o primeiro trabalho de formação da Biblioteca?

**MCB:** Então, para você entrar na prefeitura, você tem que saber ler e escrever. Não temos analfabetos aqui, mas, isso é uma coisa que a prefeitura não faz: é melhorar o funcionário, dar cursos. Então, você entra, faz concurso e depois que entra, se ninguém diz para você fazer nada, porque é que você vai se matar? Se você vai ficar aqui, se a outra vai lá, estuda e se mata, e o outro não faz nada, talvez até quem não faz nada chegue na frente, num grau maior, por qualquer outro motivo. Então, não tem incentivo nenhum para o funcionário aprender, a fazer um cursinho... Houve, antigamente, um cursinho que se chamava AJA – Atualização Jurídico-Administrativa. Então, vamos dizer assim, só o de setor pessoal, de voto, se você pode votar ou não pode; de processo, como é que acontece o processo com o funcionário; os médicos, os exames. Então, é muito interessante, porque aquelas dúvidas que você tinha, você vai perguntar direto às pessoas. Mas, fica a cargo seu fazer um curso ou não. Então, as coisas boas são assim, nas marés. Às vezes você tem uma maré boa e depois vai tudo para trás.

**DP:** Fale sobre as coisas boas que você viu.

**MCB:** As coisas boas aconteceram aqui na época da Marta, porque havia muita gente boa, muita gente trabalhando, muitos eventos, muitos livros, porque a gente trabalha com isso, e o público aqui, as coisas gratuitas, o que é muito importante, porque aqui não se pode cobrar nada. Nunca se cobrou e, mesmo que se faça um lançamento de livro, você não pode cobrar. No lugar público não se pode cobrar, porque é proibido por lei. Então, as coisas abertas, você poder proporcionar muitas coisas boas para as pessoas.

Agora, me parece que esse Colégio São Paulo está voltando. Eu vi no site e foi muito bom, muito interessante. Então aí você vai e diz: “Olha, o dinheiro está sendo colocado nisso. Olha, estava aqui, estava lendo...”. Foi uma época áurea porque você conseguia as coisas, porque tinha dinheiro também. Agora, vamos falar

a verdade: o mundo mudou, não é? O dinheiro escasseou e as pessoas não ganham... Se você vai comprar um livro, sabe, as pessoas não querem ler. Para que eu vou estudar tanto? Às vezes se questiona tanto: para que você vai estudar tanto? Muitas vezes você tem um cara melhor que você e não estudou tanto. Jogador de futebol precisa estudar? Não precisa, não é? Ganha quanto, não é? Apesar de que não são todos. Aí você vai, faz meia dúzia de faculdades e fica ali parado. Então, é um mundo meio complicado, mas de muita coisa boa. Eu acredito em ciclos que as coisas têm, que o mundo tem, e pode ser que aconteça alguma coisa muito boa. Nunca é igual. Não vai ser igual àquela época; vai ser outra coisa. Mas se valorizar, já vai ser muito bom para o funcionário, para o trabalho da gente e do que acontece aqui.

**DP:** E com relação aos tempos mais difíceis que você viveu aqui, os tempos de conflito, de relação com os colegas, ou a impossibilidade de se realizar?

**MCB:** Às vezes a gente quer fazer uma coisa e não pode. Projetos, por exemplo. Às vezes vinha projeto da Secretaria e você via e chegava num ponto que... acabou. E você não podia fazer nada, porque acabou. Se a diretora não podia, você também não podia.

Agora, para o funcionário... Sei lá, para mim foi um lugar muito... Para mim sempre foi muito agradável. E todo mundo sabia quem eu era, não é? O problema é esse, que às vezes você quer até se esconder, e não pode: “Olha, ela está lá!...”. Às vezes eu atendia público, porque eu via o histórico das bibliotecas de bairro, as programações do bairro, que era aqui, e um dia eu cheguei para o moço e disse assim: “Olha, você espera um minuto que eu vou ao banheiro” - “Não, a senhora não vai agora ao banheiro”, e aí eu disse: “Não, eu vou ao banheiro”. Sabe aquela coisa de que o funcionário tem que atender? Então sempre teve muita gente, em que a gente fazia festa de fim de ano, festa junina, juntava todo mundo e era muita gente. E hoje em dia não tem mais esse... quer dizer, as pessoas mudaram, os mais velhos... Os mais novos são diferentes, o pessoal de hoje em dia mudou.

**DP:** Mas a relação com os funcionários? Porque você nos disse que havia a classe dos bibliotecários e de todos os funcionários que faziam o atendimento ao público. É

uma estrutura societária bem híbrida, assim, quer dizer, com diferentes classes sociais. Curioso e interessante, porque eu suponho que não deva ser muito fácil.

**MCB:** Eu sempre conversei com todo mundo. Então, para mim, nunca foi muito difícil. Eu nunca me coloquei como melhor. Eu estou na minha função e você está na sua. Mas teve gente aqui que passava e não olhava para os outros, achando que era mais que os outros. E aí é chato porque o funcionário percebe. E aí, um dia, essa pessoa vai ser diretor da Biblioteca. Já teve gente que decidiu ir embora porque percebeu que não era assim. Então acontece, porque tem gente de todo o tipo, mesmo bibliotecário. Tem gente ótima, tem gente mais ou menos e tem gente que não quer, só reclama – sabe aquela história de só reclamar? Até tinha um funcionário, que foi funcionário meu, o Luis, que trabalhava aqui no auditório.

**DP:** Quer dizer, que trabalha ainda...

**MCB:** É, que trabalha ainda. Ele trabalhou muito tempo aqui. Ele trabalhava em uma biblioteca de bairro e pediu para ser transferido para cá. Aí eu falei para ele: “Luis, vai ter que fazer tudo”, aí ele ia e fazia. Bem, outro dia eu me encontrei com ele e aí ele me dizia: “Como era bom naquele tempo, não é?”. Aí eu respondi: “É, era sim, a gente trabalhava como um burro e ninguém reclamava”. Interessante, você trabalha, trabalha e trabalha, mas todo mundo tal, tal, tal e vai, mas depois tudo se resolvia. Quando eu trabalhei, eu nunca tive problema. Agora tem essa questão da hierarquia, deles acharem... Aí é que está: os funcionários de uma outra faixa acham que eles sabem tudo. Não vou dizer que eles não sabem, porque tem funcionário aqui que sabe muito mais coisa que... Bem, eles não sabem a teoria, eles sabem a prática: isso está aqui, isso está ali. Agora, a gente tem a teoria, não é?

**DP:** E você acha que numa instituição que permite relações mais cooperativas os conflitos desapareceram?

**MCB:** Não, teve uma época que teve conflitos sérios. Foram roubos. Nunca tinha visto aqui. Roubo, não só de material daqui, que foi parar em sebo de livros.

**DP:** Como assim, foi identificado com o carimbo da Biblioteca?

**MCB:** Isso, com o carimbo da Biblioteca. No fim eu não participei porque eu estava mais aqui do que lá na Biblioteca. E a procuradora foi no sebo, como se ela não fosse procuradora e viu os livros: “E esses livros aqui?” - “Comprei de um cara, e tal...”. E então tivemos que ir lá e pegar todos os livros. Fomos lá e tivemos de pegar mais de quinhentos. E, com essa moça, tivemos que fazer toda uma relação. Então é isso, começou uma coisa de roubo. Quer dizer: “Livro? É qualquer coisa, não serve para nada”. Aí eu fui percebendo que eram os livros mais antigos, não eram os livros novos. Depois teve roubo de equipamentos, depois foram roubadas pessoas. Então foi uma época difícil, sabe, inquéritos, processos, vai em departamento...

**DP:** E quando foi isso?

**MCB:** Isso foi em 1990 e poucos...

**DP:** Porque houve um ano em que a Biblioteca ficou fechada, não é?

**MCB:** É. Aí, quando ela reabriu, não foi todo mundo que voltou. Teve gente que não quis voltar. Porque aí, quando fechou – eu não estava aqui – aí disseram assim: “Fechou, cada um tem que ir para um lugar”. Aí ficou todo mundo desarvorado. Aqueles mais antigos falavam: “Mas para onde eu vou?”. Onde eu vou arrumar uma biblioteca perto da minha casa? Aí tinha um moço que trabalhava aqui, ele foi lá no ônibus, que ele foi me procurar e começou a chorar: “Ah, me mandaram embora”. Eu falei: “Gilberto, vai para o Centro Cultural, porque lá eu sei que estão precisando de gente”. Olha, você sabe que ele foi e não voltou até hoje? Ele foi e não quis mais voltar. Ele ficou tão bem, ele adorou a discoteca, que ficou lá. Então foi uma época difícil, os funcionários não queriam, não foram tratados como devia. Porque, se você vai fechar, deixa os funcionários aqui, alguém da Secretaria e não: “Olha a Biblioteca vai ficar fechada por um tempo, vocês vão ter de procurar um lugar”, mas não! Você chegar para mim e dizer que amanhã você não vem mais. Então essa falta de...

Aí veio aquele negócio do PAS. Entrou gente estranha aqui. Aí foi uma época que teve uma força-tarefa, que tinha até gente que tinha cumprido pena. Então começaram: “Aquele lá é preso”. É preso, não, foi em outra oportunidade. “Olha, vai levar o de todo mundo”. Então eu falei: “Gente, medo do quê? Pelo amor de Deus!”.

Então, sabe, são conflitos. E uma funcionária que teve AIDS aqui dentro e todo mundo quis que ela fosse embora daqui.

**DP:** Nossa, mas que coisa!

**MCB:** Foi muito trágico. Mas, no fim, ela acabou falecendo, mas era...

**DP:** E ela era...

**MCB:** Glória Maria, que era uma bibliotecária.

**DP:** E ela assumiu publicamente ou... Como foi?

**MCB:** Ela nem sabia. Aí ela teve um filho, ela tinha quarenta e poucos e teve um filho. E, quando o filho nasceu, porque o pai da criança, que ela tinha pensado que... morreu. Porque ela tinha pensado que ele tinha sumido, mas ele tinha morrido. E ela acabou fazendo o teste e deu positivo. E ela tinha que fazer no filho, que tinha nascido, mas no fim ela não queria. E ela era muito falante – ela falava mais do que a boca – ela começou a contar, contar, contar. E isso foi em 1989, 1990, quando ainda não se sabia direito como era. Não se sabia direito como era a transmissão. E ninguém queria trabalhar com ela. E, aí, foi o seguinte: ela foi transferida para uma escola da prefeitura, perto da casa dela. Porque o problema era esse: ninguém queria ela aqui dentro, porque ela ia atender...

**DP:** E o diretor não quis mantê-la?

**MCB:** Não, no caso isso foi parar lá na... E era até a Chauí a... Porque até ela ficou apavorada, porque era o primeiro caso de rejeição. E eu mesma, vou te falar a verdade, a primeira vez que eu olhei para a cara dela, eu fui dar a mão para ela e ela não deu a mão para mim, porque ela estava tão apavorada, tão ressentida com tudo, que...

**DP:** Faltava informação...

**MCB:** A informação faltava para todo mundo. Até eu, quando fui dar a mão para ela. Aí ela me falou: “Tudo bem”. Então eu disse tudo bem e... Então você vê que era uma coisa...

Agora, já teve um outro, o Percy, que também era bibliotecário, mas aí ele ficou trabalhando até... Mas aí era mais para a frente. As pessoas estavam mais informadas e ele mesmo quis continuar trabalhando e ninguém rejeitou. Às vezes alguém se sentia mal, mas todo mundo ajudou. Houve uma mudança, de quatro a cinco anos, houve uma mudança. Mas são coisas, assim, que você não sabe como lidar, que estavam aí do seu lado e você não sabe como lidar.

**DP:** E como a instituição encaminha, não é?

**MCB:** A prefeitura tinha – eu sei porque eu sempre ficava perto do pessoal de recursos humanos – os médicos diziam que tinha que trabalhar até o quanto pudesse. Mas se a pessoa está muito... Por exemplo, o Percy, ele estava tão magro e mesmo assim ele vinha.

**DP:** Ele era bibliotecário?

**MCB:** Não, ele era restaurador.

**DP:** O trabalho era complicado, quer dizer, debilita muito?

**MCB:** Não, ele era especializado. Então, ele fazia... Tem até uma moça aí que continua, que sabe restaurar documentos antigos. Tanto que o laboratório lá embaixo tinha o nome dele – não sei se ainda tem. Mas você via que ele estava... Mas ele vinha, ficava lá. Mas a orientação era: trabalha até quando puder, se puder, não é? Mas os médicos diziam isso, a orientação era essa. E ele trabalhou bastante, até ficar bem doente, mas aí já era um outro momento. Então a gente teve problemas com funcionários que ficaram doentes, como se fossem da casa, alguns muito antigos. E que sempre todo mundo ajudou, uma coisa mais triste, um filho que morreu assassinado... Era muito mais unido. Hoje em dia...



**DP:** Você viu, porque você se afastou durante um tempo por causa de acidente de trabalho, não é?

**MCB:** Eu caí aqui dentro. Eu fiquei um mês fora.

**DP:** Então foi menos sério...

**MCB:** Eu caí. A minha rótula saiu do lugar, porque ela já tinha saído uma vez. E eu caí lá em cima, na diretoria. Foi bom pelo seguinte: eu ia me aposentar, porque já tinha dado os meus trinta anos – “Ah, eu vou embora!” – Aí eu caí. E, nesse ano, foi em janeiro, era o ano que eu ia me aposentar. “Acabou, chega!” Aí eu caí. A moça passou cera e aí a minha rótula rodou. Eu caí aqui dentro. Aí eu fiquei um mês afastada, quando eu voltei, aí eu falei: “Quer saber de uma coisa, eu não vou mais me aposentar. Eu vou esperar mais um pouquinho”. Aí eu completei o meu tempo, paguei o meu pedágio, porque você tinha que pagar o seu pedágio. Então essa queda aí me deu um... Porque um monte de gente foi embora. Estava um monte de gente indo embora, aí eu falei: “Eu é que não vou”. Só tinha o Marcos Celso, que era do nosso tempo, tinha o José Eduardo, que tinha sido diretor, assim, os mais conhecidos. No mais, estava todo mundo aposentando, aposentando... Mas essa queda me fez... A moça passou cera e não passou a marca onde devia. Mas foi por isso. Só tirei licença para a gravidez e esse incidente. No resto... Mas foi aqui dentro mesmo. Mas... tudo bem.

**DP:** Em relação a esse acidente no trabalho...

**MCB:** Não, até que eu falei para a moça da limpadora: “Olha, não pode, por exemplo, passar a cera às nove horas da manhã, não é?”. Porque você passa ou às sete horas da manhã ou senão de noite. Porque qualquer pessoa poderia... Fui a premiada, mas foi aqui dentro mesmo.

**DP:** Cristina, como você acha que você é lembrada, das tuas características que você acha que foram marcantes da tua passagem por aqui, como funcionária, como chefe da Extensão, como alguém que teve um vínculo forte com a Biblioteca?

**MCB:** Quem me conheceu na época se lembra das programações nos auditórios: “Nossa, quanta coisa que tinha!” Que foram oito anos, que não foi pouco tempo. Quem sempre me conheceu, porque eu sempre fui, digamos, não sei se polêmica, mas muito sincera e enfrentei até uma diretora, um problema sério aqui dentro.

**DP:** Qual foi a diretora na época?

**MCB:** Foi a dona May Brooking Negrão, que mandou colocar uma exposição aqui, em volta desse... Era uma exposição de um artista que tinha exposto em Nova Iorque e era nova arte e era completamente diferente a exposição. Eram, assim, umas pinturas muito... Mas ele era filho de uma bibliotecária, tinha vindo aqui. Ele se chamava Vilaça, Marco Vilaça. O Vilaça tinha vindo aqui, tinha mostrado as fotografias e ela tinha aceitado. Eu falei: “Olha, vai causar um impacto”. Porque eram painéis que vinham daqui de cima até lá embaixo, bem coloridos. Para você ter uma idéia, ele trabalhava na Calfat, fazendo estamperia pela (inaudível). Então imagine o que ele fazia. Ele fazia desenho, fazia essas coisas. Nessa outra parte dele era uma coisa. Bom, e aí, nós, pela Extensão, porque aí você tem que fazer um processo, um... tudo bem, tudo bem, tudo bem... Ele veio, até eu e o Luis viemos, que nós colocamos de noite e, no dia seguinte, era a inauguração. E ele convidou um monte de gente, saiu no jornal, aquele monte de coisa. E eu achei bem bonito, aquele negócio bem colorido, bem diferente e tal. Nossa, então a diretora entrou e ficou louca. Achou que aquilo era uma porcaria, um monte de rabisco, me chamou e falou para ele tirar imediatamente. Agora, você veja a minha posição. “Mas como eu vou falar para ele? Você autorizou!” - “Mas não era isso”. Eu falei: “É lógico que era, estava na fotografia, eu falei pra você”. Eu fiquei num mato sem cachorro. Ele veio, porque seria a inauguração, aí eu falei: “E aí, Vilaça, tudo bem?”, e tal. - “Ah, tudo bem, você viu nos jornais?”. Aí eu falei: “Olha, eu preciso te falar uma coisa, aconteceu isso, isso e aquilo... e eu nem sei como te falar”. Aí ele falou: “Bom, inaugurar eu vou; depois eu tiro. Bom, eu sei que não foi você”. Eu falei: “Não fui eu, eu estou te mostrando aqui o papel”. Aí houve a inauguração e depois à noite ele veio aqui e tirou tudo. Só que o que foi que ele fez? Ele foi ao jornal e botou a boca no trombone. Era uma coisa que ele tinha todo o direito, não é? E nesse dia que saiu no jornal, a minha avó morreu. Eu vim para cá – ela já estava passando mal, ela tinha noventa anos – mas era a minha avó, não interessa. Eu vim para cá, eu só

passei para ver as coisas, porque eu ia para a casa dela, porque eu sabia que ela estava muito mal. Passei aqui, me deram o jornal pra ver e eu vi aquilo. Bom, passou uma meia hora, ele chegou, o artista, e ele falou: “Viu o que está no jornal?”. Eu falei: “Vi, mas eu nem sei o que vai acontecer”. Eu estava envolvida, mas eu não tinha nada a ver com isso. Eu vou dançar, eu pensei e... “Você quer saber de uma coisa?, vou-me embora, acabou, fim de papo, aconteceu tudo isso, eu estou muito chateada e eu vou-me embora porque a minha avó está muito mal”. E virei as minhas costas e fui-me embora. E a minha avó tinha morrido.

Nesse meio tempo a minha avó morreu. Bom, aí eu nem voltei aqui porque, afastada... Bom, no dia em que eu voltei, eu pedi férias. Eu falei, bom, eu vou pedir férias, porque o que eu vou escutar... Bom, ninguém me chamou, o Vilaça veio aqui, me pediu desculpas: “Eu sei que não foi você, mas eu botei no jornal porque era um direito meu”. Eu falei: “Lógico. Tudo bem”. Bem, e aí era, naquela época, o PMDB<sup>14</sup> e a ARENA<sup>15</sup>, e isso aconteceu mais ou menos em outubro e a eleição ia ser em novembro. “Olha, Vilaça, eu não sei. Desculpa. Olha, me desculpa, eu não sei, eu acho que eu vou procurar outro lugar, porque o que eu vou escutar, eu nem quero escutar”. Tirei as minhas férias e fui ao departamento de recursos humanos falar com o diretor que eu conhecia, para falar com ele: “Olha, eu não vou mais ficar aqui por causa disso, disso e disso. Aconteceu um incidente muito lamentável, e a minha avó morreu naquele dia”. Ele falou: “Calma”. Eu disse: “Calma nada, daqui a 15 dias eu vou ter de voltar a trabalhar”. Quando faltava uns dois dias para eu voltar, me liga o procurador daqui, o doutor Celso, que era muito meu amigo, e me perguntou: “E aí, Cristina, como você está?” Então eu disse que eu não sabia se voltaria, porque faltavam uns dois ou três dias e ele disse: “Não, Cristina, não... você vai voltar para cá”. Eu disse: “Não, não vou, você já pensou o que eu vou escutar?” - “Não, Cristina, você vai voltar. Venha almoçar comigo amanhã” - “Não, eu não vou”. Porque já era a nova diretora, já ia ser a Maria Helena. Aí eu vim e: “Pelo amor de Deus, eu não vou voltar”. Aí ele olhou para mim e disse: “A diretora geral não é mais a diretora geral”. Ela tinha sido exonerada, porque ela teve um problema. Ela proibiu um pessoal de falar aqui, que era do PMDB, e ela era da ARENA.

**DP:** Quem eram as pessoas?

---

<sup>14</sup> Partido do Movimento Democrático Brasileiro

<sup>15</sup> Aliança Renovadora Nacional

**MCB:** Era o Sívlio Lancelotti, uma do MAM<sup>16</sup>, que era artista plástica, e o próprio Mário Chamie, que depois foi ser o Secretário de Cultura. Ela os proibiu de falar. Depois, talvez, disso, ela proibiu – e talvez também porque o Vilaça tivesse alguma coisa a ver, eu não sei. Então ela foi exonerada do cargo, a diretora que tinha acontecido tudo isso, que tinha mandado o artista tirar. Aí eu falei assim: “Mas quem é que vai ser o diretor?”. Era a Dona Maria Helena. Ela era a diretora aqui e foi ser diretora geral, lá do departamento. Então ela falou: “Não, meu amor” – porque ela me chamava de “minha filha” – “Você fica comigo, por favor. É verdade, amanhã vai sair publicada a minha nomeação”. Então eu falei: “Por favor?, eu não acredito”. E aí eu continuei. Mas foi uma coisa assim, que eu não tinha culpa nenhuma, mas eu me envolvi, pelo trabalho que eu fazia. Como é que você ia fazer? Chegar para o cara e dizer, no dia da inauguração, que ele ia ter que tirar todas as obras dele, no dia seguinte? É difícil, muito difícil. Eu falei: “Fala você, você é que é a diretora. É você que é a chefe e é você quem tem de falar”. Aí eu falei: “Assuma”, não é? E ela ficou: “Por que você está falando isso?” – “Não, por que é você quem está falando.” E ela: “Não. Você é quem vai falar”.

Até hoje eu não olho na cara dela e nem ela olha na minha cara, porque não tem como falar com ela. Só que ela acha que eu tive uma interferência nessa exoneração. Eu não tive interferência nenhuma, até porque eu não tinha esse poder. E quem veio para cá foi um que foi diretor do MASP<sup>17</sup>, e era um dos que também fazia parte desse grupo que foi impedido de vir aqui. E, sabe, foi um jogo que virou tudo contra, porque estava tudo contra mim. Aí, de uma hora para outra, virou tudo contra ela. Essa foi uma hora de exceção, em que eu fiquei arrasada. Eu falei comigo: “Puxa vida, como a gente é vulnerável, não é?”. E no jornal ele não falou mal de mim. Ele falou que ele tinha sido muito bem recebido pelo setor de Extensão Cultural, pela chefe, que sempre tentou a melhor maneira e tal. Mas aí você pensa: “Ah, eu não quero saber mais nada disso”. Você fica completamente desnorçada, mas depois você revive. Essa é a parte ruim. Assim, diretamente com o diretor, mas com os funcionários eu nunca tive nada. Eu sempre me dei bem com todo mundo. Eu sempre fui muito conhecida e, bom, eu sempre venho aqui, brinco com todo mundo, todo mundo me conhece, mas é que o pessoal antigo, eu dou sempre valor. Nos novos também tem gente boa.

---

<sup>16</sup> Museu de Arte Moderna

<sup>17</sup> Museu de Arte de São Paulo

**DP:** Eu gostaria de encerrar com uma questão que é bastante polêmica. As direções das bibliotecas têm que ter ou não bibliotecários? Qual é a tua posição com relação a isso, se sim, se não?

**MCB:** Bom, por lei, o diretor, pelo menos, o técnico, pelo menos aqui, porque aqui só existe uma diretoria técnica, então, no organograma, o cargo aqui é exercido por bibliotecário. Eu particularmente acho que deveria ter um diretor administrativo, como se tem hoje, que fosse até um escritor, assim. Sabe por quê? Para poder – que isso é uma coisa que eu falo para você, que às vezes faz falta aqui - ter um entrosamento, porque o bibliotecário conhece e tal, mas a Maria Helena, por exemplo, que foi diretora aqui do departamento, conhecia muita gente. Ela é sobrinha do Sérgio Milliet. Ela conhecia muita gente. Então ela era muito... Vinha um ou outro, ela sabia, ela conversava. Aqui, o Carlito Maia, que era da Globo, vinha muito aqui, vinha, escrevia muita coisa. Ela era uma pessoa muito entrosada, mas isso não acontecia com outros, por exemplo. Por isso eu achava que deveria ter um diretor, como tem agora, que fosse mais ligado, que não ficasse tratando de problemas técnicos, do acervo, da compra, dos bibliotecários, mas que ficasse cuidando disso, dessa parte: “Olha, vou convidar esse, vou convidar aquele”, para a Biblioteca levantar mais.

Quando apareceu o Castilho, que foi o primeiro a fazer essa gestão, que ele era um editor, eu falei: “Pô, que legal, gostei”, não é? Apesar de que o cargo que ele ocupou não era do nosso departamento, é da Secretaria. Então você sabe que aqui não foi mudado.

Mas eu sempre achei isso porque os diretores antigos, se você voltar, foram pessoas que eram ligadas aos escritores. Acho muito bom, acho isso importante, acho interessante se mudar esses dois tipos de cargo – técnico e administrativo – para você poder lidar melhor com isso, porque só o bibliotecário, se ele não tiver o jogo de cintura, ele não vai poder, sabe? Nessa época, que tinha muita coisa, na época da Maria Helena era bom porque ela conhecia, ela ficava e conversava com todo mundo e tal. Mas, depois que ela saiu, não teve tanta gente. Teve, mas não era do jeito dela. Mas eu acho, eu sempre fui a favor da abertura da classe. Por exemplo: houve uma época em que se queria colocar uns museógrafos, arquivistas... “Não, imagina!...” Não, por quê? Eu não sou um museógrafo, eu não sei fazer nada de museu, então por que não ter o conselho de quem sabe:

arquivista, museógrafo, bibliotecário, pessoas assim? Mas eu falei: “Gente, o que vocês são? Quanto mais gente melhor. A gente fica mais forte, não é verdade? Sabe por que vocês estão...? Vocês estão com medo de que alguém os suplante, de não terem a categoria dele”. Então, eu sou aberta, eu acho que tem que ter, eu acho que é um negócio antigo, que tinha que haver um... Sabe, eu acho que tem muita seção nesta Biblioteca!

**DP:** Tipo, quais são?

**MCB:** Olha, por exemplo: Microfilme, Legislação, Periódico... Você poderia pegar isso e enxugar, porque tem muitos cargos, cargo para isso, cargo para aquilo. Houve uma época que houve uma abertura, para você proporcionar... Ainda mais hoje em dia... Não precisa ter tanto! Tem diretora da coleção de jornal, diretora daquilo... Não precisa de tudo isso! Eu acho que se deveria fazer uma coisa moderna, diferente, assim, com pessoas... Se você pegar o organograma original da Biblioteca, que está no boletim bibliográfico da Biblioteca, que eu ajudei a fazer, que eu fiz. Na minha época, eu fiz o boletim para a Biblioteca.

**DP:** Você era a editora?

**MCB:** Eu ajudava na editoração. Era a responsabilidade que eu tinha, primeiro, da Extensão Cultural, depois, eu passei para a Promoção Cultural. Então, se você pegar o número seis ou sete, tem a Biblioteca como ela era. Se você pegar aquilo e der uma... É aquilo, não precisa...

**DP:** É interessante...

**MCB:** Se você quiser, eu pego o exemplar direitinho; como ela era, como ela funcionava. Quando ela abriu não tinha tantos espaços, mas tudo ficava mais bem encaminhado do que é hoje. O antigo vale como base talvez para o de hoje.

**DP:** Para esse processo de atualização.

**MCB:** Se virar uma fundação, aí vai ser diferente, porque vai ter de haver uma acomodação. Mas esse boletim é fantástico porque ele mostra que não precisava ser mais do que aquilo para ela funcionar. Ela funcionava bem, todo mundo gostava.

**DP:** É uma satisfação e, num outro momento, a gente vai te solicitar novamente.